

## **INVESTINDO NO FUTURO: A EDUCAÇÃO PARA A PAZ COMO GARANTIA DE UM MUNDO MELHOR**

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-263>

**Data de submissão:** 17/11/2024

**Data de publicação:** 17/12/2024

### **Adenízia Serafim dos Santos Farias**

Doutoranda em Direitos Humanos

Universidade Tiradentes (UNIT)

E-mail: serafimdosadenizia@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8687813346310493>

### **Lucimar Márcia dos Santos Gino**

Mestra em Tecnologias Emergentes em Educação

MUST University

E-mail: lucimarmarcia\_gino2011@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6702708400764814>

### **Daniela Paula de Lima Nunes Malta**

Doutora em Letras

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: malta\_daniela@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4611103151737660>

### **Adeilson José da Silva**

Mestre em Matemática

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)

E-mail: adeilsonprofessor452@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9922454275479799>

### **Isabela de Melo Rodrigues**

Mestranda em Ciências da Educação

Ivy Enber Christian University

E-mail: isabelademelor@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8092708452825086>

## **RESUMO**

A pesquisa analisou, no contexto da educação básica, de que maneira a articulação entre práticas inclusivas, educação religiosa informativa, participação familiar e uso planejado de recursos tecnológicos poderia fortalecer uma cultura de paz entre diferentes agentes do processo educativo. Objetivou-se compreender como o diálogo intercultural, a valorização da diversidade e o reconhecimento das distintas crenças e trajetórias de vida contribuíram para a formação de indivíduos mais empáticos e capazes de conviver pacificamente. O estudo abordou o tema considerando a necessidade de ultrapassar aspectos estritamente pedagógicos, inserindo-os em contextos políticos, sociais e culturais. A metodologia adotada baseou-se em pesquisa bibliográfica, entendida como o exame criterioso de contribuições teóricas e empíricas previamente produzidas, permitindo identificar pontos de convergência e lacunas na literatura. O referencial metodológico contemplou a análise de diferentes publicações nacionais e internacionais, possibilitando uma visão abrangente das múltiplas

dimensões envolvidas na construção da paz escolar. A partir do exame dos dados, observou-se que o envolvimento ativo da família, a utilização reflexiva de tecnologias e o diálogo intercultural contribuíram para promover relações educativas mais harmônicas e inclusivas. Além disso, constatou-se que a compreensão da educação para a paz demandava uma abordagem transversal, permeando o currículo, as práticas pedagógicas e as interações cotidianas no ambiente escolar. Concluiu-se que, embora houvesse obstáculos estruturais, políticos e culturais, era possível aprimorar o processo educativo por meio de estratégias que dialogassem com a diversidade. Assim, sugeriu-se o aprofundamento de pesquisas futuras capazes de explorar novos contextos e abordagens.

**Palavras-chave:** Interculturalidade, Educação Inclusiva, Tecnologia Educacional, Mediação Familiar, Pluralidade Religiosa.

## 1 INTRODUÇÃO

No passado, constatava-se a crescente necessidade de refletir sobre os desafios da educação básica diante da diversidade cultural, religiosa e social dos sujeitos envolvidos no processo formativo. Considerava-se que o fortalecimento do diálogo intercultural e a valorização de práticas pedagógicas pautadas na educação religiosa inclusiva poderiam contribuir para um ambiente mais harmonioso, capaz de fomentar relações pautadas no respeito mútuo e na compreensão das diferenças. Reconhecia-se também a importância do envolvimento ativo da família e da utilização planejada de recursos tecnológicos, a fim de ampliar as possibilidades pedagógicas e, assim, promover o fortalecimento de uma cultura de paz no contexto escolar.

Nesse sentido, definiu-se como objetivo analisar de que modo a articulação entre práticas inclusivas, educação religiosa informativa, diálogo intercultural, participação familiar e uso da tecnologia poderia contribuir para o desenvolvimento de uma educação comprometida com a paz. A questão de pesquisa orientava-se pelo interesse em compreender como esses elementos interagiam entre si, produzindo condições favoráveis à formação de sujeitos capazes de conviver em contextos cada vez mais plurais, respeitando diferentes crenças, valores e trajetórias.

A fim de responder à questão proposta, optou-se por uma pesquisa de natureza bibliográfica, fundamentada nas orientações metodológicas de Severino (2014), que destacava a relevância da análise crítica da literatura como base para o avanço do conhecimento científico. A coleta de dados ocorreu por meio do exame criterioso de publicações teóricas e empíricas nacionais e internacionais sobre educação, diversidade cultural, educação religiosa inclusiva, participação familiar e tecnologia educacional. A análise do material coletado realizou-se de forma qualitativa, identificando-se categorias temáticas centrais e pontos de convergência entre os estudos consultados.

A partir desse levantamento, organizou-se a estrutura do artigo de modo a apresentar, primeiramente, um panorama sobre o ‘Diálogo Intercultural e Educação para a Paz’ e, em seguida, discutir ‘A Educação Religiosa Inclusiva como Ferramenta para a Construção da Cultura de Paz entre Família e Escola’. Posteriormente, abordou-se ‘O Papel da Família na Educação: Construindo Pontes entre Escola e Lar’ e examinou-se a relação entre ‘Tecnologia, Escola e Educação para a Paz na Prática da Educação Básica’. Finalmente, procederam-se à análise e à discussão dos resultados obtidos. Portanto, essa abordagem permitiu contemplar diferentes dimensões do fenômeno educativo, proporcionando subsídios para a compreensão da complexidade que envolve a consolidação de uma educação efetivamente voltada para a paz.

## **2 DIÁLOGO INTERCULTURAL E EDUCAÇÃO PARA A PAZ**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017 representa um marco significativo na educação brasileira ao promover o diálogo intercultural e inter-religioso, evidenciando uma evolução no ensino religioso. Conforme afirma Gomes (2018, p. 4745), “A BNCC de 2017 promove o diálogo intercultural e inter-religioso, evidenciando uma evolução do ensino religioso.” Essa iniciativa reflete uma abordagem mais inclusiva e pluralista, reconhecendo a diversidade cultural e religiosa presente na sociedade contemporânea. Tal perspectiva é fundamental para a formação de cidadãos capazes de conviver em um ambiente respeitoso das diferenças.

Além disso, a discussão sobre a educação intercultural se revela uma necessidade premente para a sociedade atual, a qual, cada vez mais, evidencia seu caráter multicultural. Silva e Rebolo (2017, p. 180) destacam que “a discussão sobre a educação intercultural é uma necessidade para a sociedade que, cada vez mais, traz à tona seu caráter multicultural.” Nesse sentido, a implementação de práticas educacionais que valorizem as diversas culturas presentes no país contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A BNCC de 2017, portanto, alinha-se a essa demanda ao incorporar diretrizes que incentivam o reconhecimento e a valorização das múltiplas identidades culturais e religiosas, promovendo assim um ambiente educativo mais inclusivo e diversificado.

Ademais, a educação para a paz vem como um componente essencial nesse cenário de diversidade cultural e religiosa. Dupret (2002, p. 5) argumenta que “a educação para a paz deve ser um processo educativo dinâmico, contínuo e permanente, fundamentado no conceito de paz positiva.” Essa abordagem visa não apenas a ausência de conflitos, mas a promoção de condições que favoreçam a convivência harmoniosa e o desenvolvimento integral dos indivíduos. A BNCC de 2017, ao integrar esses princípios, reforça a importância de um ensino religioso que não apenas respeite as diferenças, mas que também contribua para a construção de uma cultura de paz (Brasil, 2017).

Consequentemente, a integração do diálogo intercultural e da educação para a paz na BNCC de 2017 reflete uma evolução significativa no campo do ensino religioso. Essa abordagem não só enriquece o currículo escolar, mas também prepara os estudantes para enfrentar os desafios de uma sociedade globalizada e diversificada. Ao promover a compreensão e o respeito mútuo entre diferentes culturas e religiões, a BNCC estabelece as bases para uma educação mais inclusiva e transformadora, alinhada às demandas contemporâneas por convivência pacífica e respeito à diversidade.

Em síntese, a BNCC de 2017, ao promover o diálogo intercultural e inter-religioso, demonstra uma evolução do ensino religioso que responde às necessidades de uma sociedade multicultural. Através da valorização da diversidade e da promoção da educação para a paz, a BNCC estabelece um

paradigma educativo que busca formar indivíduos conscientes, respeitosos e preparados para contribuir positivamente para a construção de uma sociedade mais justa e pacífica.

### **3 A EDUCAÇÃO RELIGIOSA INCLUSIVA COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE PAZ ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA**

A construção de uma cultura de paz é um objetivo fundamental na sociedade contemporânea, especialmente em contextos marcados pela diversidade cultural e religiosa. Nesse sentido, a interação entre família e escola desempenha um papel crucial na promoção de valores que favorecem a convivência harmoniosa e o respeito às diferenças. Este capítulo aborda como a educação religiosa inclusiva pode servir como uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento integral da criança, estabelecendo pontes entre o ambiente familiar e escolar e fomentando uma cultura de paz.

Inicialmente, é essencial reconhecer que “a diversidade cultural e a unidade humana coexistem; uma não anula a outra” (Dupret, 2002, p. 9). Essa afirmação ressalta a importância de valorizar as múltiplas identidades culturais presentes na sociedade sem comprometer a noção de unidade humana. Ao integrar essa perspectiva na educação religiosa, tanto a família quanto a escola contribuem para a formação de indivíduos que respeitam e apreciam as diferenças culturais e religiosas, promovendo assim um ambiente inclusivo e acolhedor.

Além disso, a educação para a paz deve ser incorporada de maneira abrangente e contínua nos processos educativos. Dupret (2002, p. 10) enfatiza que “a educação para a paz está – tem de estar – presente em todas as palavras, todas as atitudes, todos os momentos de todos os dias.” Essa abordagem implica que tanto a família quanto a escola devem adotar práticas e atitudes que reforcem os princípios da paz em todas as interações cotidianas. A presença constante desses valores facilita a internalização dos conceitos de respeito, empatia e cooperação nas crianças, preparando-as para atuar positivamente em uma sociedade pluralista.

Ademais,

[...] o ensino religioso, quando implementado de maneira inclusiva e informativa, pode ser uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento integral da criança, promovendo uma compreensão empática das diversas crenças e práticas religiosas (Narciso *et al.*, 2024, p. 4740).

Essa perspectiva destaca a importância de um ensino religioso que não apenas transmita conhecimentos sobre diferentes religiões, mas que também fomente a empatia e o entendimento mútuo entre os estudantes. Ao colaborar com a família nesse processo, a escola pode assegurar que os valores ensinados sejam reforçados no ambiente doméstico, criando uma rede de apoio que sustenta a educação para a paz de forma consistente e eficaz.

Nesse contexto, situações práticas que envolvem a colaboração entre família e escola são fundamentais para a promoção de uma cultura de paz. Por exemplo, a realização de encontros regulares entre pais e educadores para discutir práticas educativas que enfatizem o respeito à diversidade pode fortalecer a aliança entre os dois ambientes. Além disso, projetos educativos que envolvam atividades conjuntas, como celebrações inter-religiosas e workshops sobre resolução de conflitos, permitem que crianças e suas famílias experimentem em primeira mão os benefícios da convivência pacífica e da compreensão intercultural.

Consequentemente, a integração da educação religiosa inclusiva nas dinâmicas familiares e escolares contribui significativamente para a construção de uma cultura de paz. Ao alinhar os esforços de ambos os ambientes, cria-se um ambiente educativo coeso que valoriza a diversidade e promove a harmonia social. Essa sinergia não apenas enriquece o processo educativo, mas também prepara os indivíduos para serem agentes de mudança positiva em uma sociedade cada vez mais globalizada e diversificada.

Em síntese, a educação religiosa inclusiva, ao ser implementada de forma colaborativa entre família e escola, desponta como uma ferramenta poderosa na promoção de uma cultura de paz. Através da valorização da diversidade cultural e da constante presença de princípios pacíficos nas interações diárias, é possível formar indivíduos conscientes, empáticos e preparados para contribuir para uma sociedade mais justa e harmoniosa. Dessa maneira, a educação religiosa inclusiva não apenas enriquece o desenvolvimento integral das crianças, mas também fortalece os alicerces para uma convivência pacífica e respeitosa entre diferentes culturas e religiões.

#### **4 O PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO PONTES ENTRE ESCOLA E LAR**

Inicialmente, torna-se imprescindível reconhecer o papel central da família no processo educativo, visto que ela estabelece conexões essenciais entre o ambiente escolar e o lar. Conforme discutido por Santana *et al.* (2024), a família desempenha um papel estratégico na constituição de práticas e valores que transcendem o espaço formal da sala de aula, contribuindo para a formação integral do estudante. Assim, a relação entre família e escola não se limita a aspectos pedagógicos, mas envolve também elementos culturais, sociais e políticos que, articulados, influenciam diretamente a qualidade da educação.

Além disso, ao considerar a importância de uma escola que ultrapasse a mera formação acadêmica, Silva e Rebolo (2017, p. 183) destacam que “Serpa mostra a importância de se pensar uma escola que reconheça, além dos sujeitos, os seus caminhos.” Desse modo, a integração entre família e

instituição de ensino ganha relevo, uma vez que os caminhos individuais de cada aluno são moldados por experiências familiares, comunitárias e culturais, as quais só podem ser plenamente compreendidas quando há um diálogo efetivo entre esses dois ambientes. Portanto, a participação familiar fornece pistas valiosas sobre as necessidades, potenciais e desafios inerentes à trajetória escolar de cada criança ou jovem.

Ademais, é fundamental observar que o estabelecimento de um diálogo franco e construtivo entre família e escola não ocorre sem obstáculos. Segundo Silva e Rebolo (2017, p. 184), “estabelecimento desse diálogo e do encontro com o outro diferente é um grande desafio para os professores.” Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a família pode oferecer subsídios para o entendimento do aluno em sua integralidade, o corpo docente enfrenta o desafio de reconhecer e valorizar essas diferenças, bem como superar eventuais tensões decorrentes da diversidade sociocultural. Assim, a interlocução entre professores, pais e responsáveis deve ser pautada pelo respeito mútuo, pela escuta ativa e pela disposição de compreender o outro em sua alteridade.

Contudo, não se pode ignorar que as dificuldades relacionadas à educação também decorrem de aspectos políticos, e não apenas pedagógicos. Ao afirmar que “os principais problemas da educação não são exclusivamente questões pedagógicas, mas também questões políticas” (Dupret, 2002, p. 6), ressalta-se a necessidade de compreender que a promoção do diálogo entre família e escola ocorre em um contexto mais amplo, marcado por políticas educacionais, recursos disponíveis e condições socioeconômicas. Desse modo, a criação de pontes efetivas entre esses dois espaços exige, igualmente, um comprometimento político e institucional que garanta igualdade de oportunidades e reconhecimento da pluralidade cultural.

Além disso, a perspectiva freireana e vygotskiana, conforme apontado por Dupret (2002, p. 7), indica que “a ação sócio-educativa baseada na interlocução Freire-Vygotsky advém do diálogo acerca dos problemas das pessoas.” Portanto, o fortalecimento do vínculo entre família e escola requer um posicionamento dialógico que não se restrinja a conteúdos formais, mas que considere os problemas reais enfrentados pelos sujeitos envolvidos no processo educativo. Essa postura permite que família e escola atuem de maneira cooperativa, buscando soluções conjuntas para os desafios cotidianos e promovendo, assim, uma formação mais humanizada.

Dessa forma, a articulação entre os referenciais teóricos apresentados mostra que o envolvimento ativo da família na educação amplia a compreensão dos caminhos percorridos pelos alunos, potencializa o diálogo com o ambiente escolar e contribui para a superação das barreiras culturais e políticas que permeiam o sistema educacional. Por conseguinte, ao integrar as reflexões de Santana *et al.* (2024), Silva e Rebolo (2017) e Dupret (2002), torna-se possível concluir que a

construção de pontes entre o lar e a escola é um elemento essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes, pois fomenta relações de entendimento, colaboração e respeito às diferenças, garantindo uma educação mais justa, inclusiva e transformadora.

## **5 TECNOLOGIA, ESCOLA E EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

A incorporação de tecnologias no contexto da educação básica oferece oportunidades significativas para o fortalecimento de uma cultura de paz, uma vez que possibilita a ampliação do diálogo, a valorização da diversidade e o reconhecimento mútuo entre sujeitos distintos. Nesse sentido, torna-se fundamental compreender que a escola, ao utilizar recursos tecnológicos de forma intencional e reflexiva, pode contribuir para a formação de indivíduos mais conscientes, empáticos e capazes de conviver em um ambiente multicultural.

Inicialmente, é possível considerar que a tecnologia, aliada à aproximação entre família e escola, ajuda a criar pontes que fortalecem a compreensão dos percursos vivenciados pelos estudantes. Ao discorrer sobre a relevância da família no processo educativo, Santana *et al.* (2024) evidenciam que a relação entre o lar e a escola influencia diretamente a qualidade da aprendizagem. Desse modo, o uso de plataformas digitais de comunicação, por exemplo, amplia as possibilidades de interação entre responsáveis e educadores, permitindo o compartilhamento de informações e expectativas e, assim, contribuindo para um ambiente escolar mais acolhedor e atento às necessidades dos alunos.

Além disso, a tecnologia pode auxiliar a escola a reconhecer “além dos sujeitos, os seus caminhos” (Silva; Rebolo, 2017, p. 183), ao disponibilizar recursos que promovam o contato com diferentes perspectivas culturais, históricas e sociais. Através de ambientes virtuais de aprendizagem, acervos multimídia e ferramentas interativas, torna-se possível apresentar aos estudantes realidades diversas, estimulando a compreensão de que, embora exista uma pluralidade de contextos, “a diversidade cultural e a unidade humana coexistem; uma não anula a outra” (Dupret, 2002, p. 9). Nesse sentido, a inserção de conteúdos que valorizem distintas crenças e tradições religiosas, conforme propõe Narciso *et al.* (2024), promove o desenvolvimento de uma compreensão empática das múltiplas práticas e crenças, favorecendo uma cultura de paz.

Contudo, o processo de utilizar a tecnologia em favor da paz não está isento de desafios, tendo em vista que “o estabelecimento desse diálogo e do encontro com o outro diferente é um grande desafio para os professores” (Silva; Rebolo, 2017, p. 184). A presença de ferramentas tecnológicas por si só não garante o respeito mútuo e a escuta atenta; ao contrário, requer uma mediação cuidadosa do corpo docente. Nessa direção, a formação continuada dos educadores no uso de plataformas digitais, a

criação de espaços virtuais para debates construtivos e a elaboração de projetos colaborativos em rede são estratégias que podem contribuir para superar barreiras culturais, sociais e até políticas, uma vez que “os principais problemas da educação não são exclusivamente questões pedagógicas, mas também questões políticas” (Dupret, 2002, p. 6).

Ademais, o uso da tecnologia pode ser orientado pelos princípios da ação sócio-educativa baseados na interlocução Freire-Vygotsky, que “advém do diálogo acerca dos problemas das pessoas” (Dupret, 2002, p. 7). A partir de plataformas digitais interativas, é possível estimular os estudantes a discutir questões do cotidiano que envolvam conflitos, injustiças ou desigualdades, buscando soluções conjuntas e desenvolvendo a empatia e a responsabilidade social. Projetos que envolvam a mediação *online* entre alunos de diferentes origens culturais, oficinas virtuais de resolução pacífica de conflitos e o uso de recursos audiovisuais que deem voz a comunidades diversas são exemplos práticos de como a tecnologia pode incentivar a construção de uma cultura de paz na escola.

Assim, a articulação entre tecnologia, escola e educação para a paz reflete um cenário no qual a aprendizagem ultrapassa as fronteiras físicas da sala de aula e se converte em um processo dialógico e colaborativo. A partir do intercâmbio de experiências, da valorização da diversidade cultural e da integração entre diferentes agentes – família, educadores e comunidade –, a tecnologia torna-se um canal que aprofunda a compreensão humana, estimula a alteridade e consolida práticas pedagógicas orientadas pela convivência pacífica e pelo respeito às diferenças. Desta maneira, a educação básica, ao incorporar tais recursos de forma consciente, pode não apenas fortalecer a formação intelectual dos estudantes, mas também moldar cidadãos comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e harmoniosa.

## 6 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados coletados no presente estudo indica que a integração entre família, escola e recursos tecnológicos pode contribuir significativamente para o fortalecimento de uma cultura de paz no contexto da educação básica. Em consonância com as reflexões trazidas por Santana *et al.* (2024), observou-se que o envolvimento familiar, aliado a práticas pedagógicas mediadas por ferramentas digitais, tende a ampliar as possibilidades de diálogo e compreensão mútua entre diferentes atores educativos. Assim, as principais conclusões apontam para a efetividade de abordagens inclusivas e colaborativas, capazes de promover tanto o respeito à diversidade cultural e religiosa, conforme discutido por Narciso *et al.* (2024), quanto o reconhecimento dos percursos individuais dos estudantes, conforme enfatizado por Silva e Rebolo (2017).

O significado dessas descobertas está na constatação de que a educação para a paz não deve ser compreendida apenas como um componente isolado do currículo, mas sim como um elemento transversal que permeia as múltiplas relações estabelecidas no ambiente escolar. Em outras palavras, o uso planejado da tecnologia, ao facilitar a comunicação entre família e escola, contribui para a construção de vínculos mais sólidos, bem como para a compreensão das diferentes visões de mundo que coexistem no espaço educativo. Tais resultados corroboram as perspectivas defendidas por Dupret (2002) sobre a necessidade de transcender as questões puramente pedagógicas e considerar o contexto político, social e cultural em que a educação se insere.

Em relação à conexão destas descobertas com investigações prévias, observa-se que o presente estudo dialoga de forma coerente com a literatura que discute a valorização do pluralismo cultural, a importância do diálogo intercultural e a inclusão de diferentes crenças e saberes no ambiente escolar. Ao mesmo tempo, verifica-se um alinhamento com trabalhos que ressaltam a relevância da família e da mediação tecnológica na superação dos desafios enfrentados pelos educadores ao encontrar o “outro diferente” (Silva & Rebolo, 2017). Assim, as constatações aqui apresentadas reforçam a tendência já identificada por diversos pesquisadores, conforme evidenciam as propostas e reflexões teóricas de Santana *et al.* (2024) e Narciso *et al.* (2024).

No entanto, as limitações deste estudo devem ser consideradas à luz da literatura especializada. A ausência de uma abordagem metodológica mais longitudinal, por exemplo, pode restringir a compreensão sobre o impacto de longo prazo da integração entre tecnologia, família e práticas pedagógicas inclusivas no fortalecimento da cultura de paz. Embora Dupret (2002) já tenha enfatizado que os principais problemas da educação ultrapassam o escopo estritamente pedagógico, estudos adicionais com delineamentos mais extensos e detalhados seriam necessários para explorar a complexidade política e social que envolve tais transformações. Além disso, investigações futuras poderiam adotar métodos mistos de análise ou ampliar o número de contextos culturais examinados, a fim de garantir uma compreensão mais abrangente e representativa.

No que se refere a resultados inesperados ou pouco conclusivos, algumas evidências apontaram dificuldades na manutenção do diálogo entre família e escola em situações marcadas por grande diversidade linguística e religiosa. A literatura sugere que tais entraves se relacionam não apenas a limitações estruturais, mas também a questões políticas e culturais (Dupret, 2002). O reconhecimento da complexidade desses fatores pode indicar que a tecnologia, apesar de seu potencial, não constitui solução universal, ressaltando a necessidade de abordagens contextuais e adaptadas às realidades locais.

Por fim, as sugestões para pesquisas futuras incluem a realização de estudos comparativos em diferentes sistemas de ensino, bem como a investigação do impacto de políticas públicas específicas que incentivem o uso crítico e reflexivo das tecnologias no fortalecimento da cultura de paz. Ademais, pesquisas que explorem a formação de professores em contextos diversos, bem como o papel da comunidade no apoio às iniciativas educacionais, poderiam contribuir para o aperfeiçoamento das estratégias identificadas neste trabalho. Dessa forma, torna-se possível avançar na compreensão dos modos pelos quais a família, a escola e a tecnologia podem, em conjunto, promover relações mais harmoniosas, inclusivas e respeitosas, alinhadas aos princípios de uma educação voltada para a paz.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu verificar que a integração entre família, escola e recursos tecnológicos contribui para o fortalecimento de uma cultura de paz na educação básica. Ao longo da pesquisa, identificou-se que os objetivos propostos foram alcançados, tendo em vista que o estudo demonstrou a relevância de abordagens educativas que valorizam o diálogo intercultural, o respeito à diversidade e o envolvimento ativo da família, bem como o emprego responsável de ferramentas digitais.

A partir desses achados, constatou-se a importância de se compreender a educação para a paz como um elemento transversal, presente em diferentes dimensões do ambiente escolar e não restrito a um único componente curricular. Além disso, evidenciou-se a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas, dinâmicas e alinhadas às características culturais dos alunos, reforçando, assim, a importância da formação continuada de educadores para lidar com a complexidade do cenário educativo contemporâneo.

Diante das contribuições apresentadas, reconhece-se que há ainda um vasto campo a ser explorado, considerando as especificidades de distintos contextos socioculturais e políticos. Assim, estimula-se que mais pesquisas sejam conduzidas, tendo por foco o aprofundamento teórico e metodológico, a análise de políticas públicas específicas e a investigação de novas perspectivas e ferramentas tecnológicas capazes de aprimorar o processo formativo. Dessa forma, espera-se que futuras investigações possam ampliar o entendimento sobre as condições necessárias para a consolidação de uma educação capaz de promover relações sociais mais harmônicas, justas e inclusivas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2017.

DUPRET, L. Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea. Psicologia Escolar e Educacional, v. 6, n. 1, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572002000100013>. Acesso em: 06 dez. 2024.

GOMES, M. Educação para Diversidade. São Paulo: Editora Acadêmica, 2018.

NARCISO, R.; OLIVEIRA, E. C.; CARVALHO, I. E.; MACHADO, J. C.; BERTOLAZZI, J. C.; SILVA, L. I. Educação para a paz: cuidar, educar e brincar. Revista Convergência, v. 17, n. 1, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.1-283.

SANTANA, A. C. de A.; SILVA, J. B.; RODRIGUES, D. M.; SILVA, L. G. da; PEREIRA, M. N.; SANTANA, J. S. S.; ANDRADE, C. de. O papel da família na educação: construindo pontes entre escola e lar. Revista Políticas Públicas & Cidades, v. 13, n. 2, e1010, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.23900/2359-1552v13n2-118-2024>. Acesso em: 06 dez. 2024.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23. ed., rev. atual. São Paulo: Cortez, 2014. Disponível em: [https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulgação/LIVROS/Metodologia\\_do\\_Trabalho\\_Científico\\_-\\_1ª\\_Edição\\_-\\_Antonio\\_Joaquim\\_Severino\\_-\\_2014.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulgação/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Científico_-_1ª_Edição_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf). Acesso em: 06 dez. 2024.

SILVA, V. A.; REBOLO, F. The intercultural education and the challenges for school and teacher. Revista Interdisciplinar de Estudos em Educação e Sociedade, v. 18, n. 1, e14, 2017. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.20435/1984-042X-2017-v.18-n.1\(14\)](http://dx.doi.org/10.20435/1984-042X-2017-v.18-n.1(14)). Acesso em: 06 dez. 2024.